

O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

LITERATURE TEACHING IN PRIMARY AND SECONDARY EDUCATION AND THE READER DEVELOPMENT

Leticia Lima*
Maria da Glória Magalhães dos Reis**

RESUMO: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem de literatura pela perspectiva dos próprios educandos. Buscou-se dar o espaço de fala aos estudantes, a partir da leitura em grupo, com objetivo de perceber também como se dá a relação deles com o texto. Por meio do debate, foi possível descortinar algumas problemáticas sobre o tema que serão discutidas adiante. A experiência prática aconteceu com uma turma do 8º ano do ensino fundamental da escola Centro Educacional Myriam Ervilha, da regional de ensino do Recanto das Emas – DF.

Palavras-chave: Literatura; Ensino; Aprendizagem; Leitura; Livro.

ABSTRACT: The following paper proposes a reflection about the process of teaching/learning literature through the educators' own perspectives. The research sought to give students a voice via group readings which also aimed to observe the students' relation with the text. Further, by means of debate, it was possible to reveal some issues about the themes that will be discussed ahead. The practical experience occurred with a group of eighth graders at the school Centro Educacional Myriam Ervilha (Myriam Ervilha Educational Center), within the educational district of the city of Recanto das Emas in the state of Distrito Federal, Brazil.

Keywords: Literature; Teaching; Learning; Reading; Book.

“O território da leitura é assim: podemos adentrá-lo pelas escadas douradas, portais de pedras preciosas, portas humildes e até pelo buraco da fechadura. O importante é entrar. E devemos ser gratos, sempre, pela dádiva que é ler, não apenas livros, mas sobretudo, as pessoas”.

João Anzanello Carrascoza

* Graduada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB). Bolsista da iniciação científica do CNPq. Contato: leticia.n.lima@hotmail.com

** Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Grupo de Estudos em Didática de Língua Estrangeira e do grupo *En classe et en scène*. Contato: gloriomagalhaes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Aproximar o estudante da leitura, esse deveria ser o primeiro objetivo do ensino de literatura, porém existem algumas distorções no que diz respeito a esse objetivo, além de obstáculos que o professor encontra para alcançá-lo, quando ele é assumido como fim da prática de ensino. Infelizmente tem ocorrido por vezes o contrário, o ensino de literatura e a imposição de leituras distanciam o estudante desse universo.

Analisar os percalços do processo ensino-aprendizagem de literatura, por meio da visão dos próprios estudantes sobre o tema, é o objetivo primeiro deste trabalho. Tomar-se-á como base, para refletir sobre as práticas deste ensino, uma turma do 8º ano do ensino fundamental. Buscou-se e, por meio do debate em grupo, após uma leitura prévia de textos literários, enxergar a literatura pelo prisma dos educandos e perceber como é a relação deles com o texto.

A motivação partiu da percepção de que muitos estudantes universitários afirmam não gostar de ler, fato curioso se considerar-se o prazer estético como algo inerente ao ser humano e também bastante complexo, sendo a leitura porta de entrada para diversos caminhos e fator fundamental para o estudo. Diante dessa afirmação, propor-se-á uma discussão com o viés do questionamento, mas também com o da reflexão sobre rumos para que, como professores, possamos formar leitores, tendo a escola papel fundamental na aproximação do estudante com a arte e cultura.

Em um primeiro momento será exposta a base teórica. Por se tratar de um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem de literatura, faz-se necessária uma exposição sobre a visão que adotaremos sobre o tema literatura e leitura, bem como uma reflexão sobre o ensino, a palavra e o texto. Feito isso, expor-se-á a metodologia utilizada para elaboração do presente trabalho, para então partir para a discussão dos depoimentos colhidos em sala de aula.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No senso comum, a literatura costuma ser conceituada como uma disciplina que estuda obras, temas e autores literários. Literatura seria considerada, então, uma matéria ministrada por professores formados em Letras

nas escolas de nível básico. O objetivo dessa disciplina é avaliado como o de estudar obras, temas literários e os autores destas obras, abordam-se, igualmente, as obras numa ordem cronológica específica pela qual a literatura deve ser estudada. Vislumbra-se com este trabalho e outros de nosso grupo de pesquisa GEDLLE¹ lançar-se sobre um questionamento desse estereótipo e a eficácia do estudo pela ordem cronológica.

Além disso, é evidente que literatura se refere ao próprio fazer literário, ou mesmo a um determinado conjunto de obras, ou ainda a uma determinada obra que pode ser considerada literária ou não. Nesse sentido, Lajolo esclarece que “A obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (1981, p. 16). Nessa perspectiva, somente ao ser lido é que um texto pode ser considerado literatura.

Desde antes de Cristo, a literatura é objeto de estudo, estudada por filósofos e artistas, leitores e religiosos. Em seu livro *O que é literatura*, Marisa Lajolo diz que ela tem um conceito diferente a cada época. Segundo a autora, no Romantismo ela era instrumento para transmitir emoções, já no Realismo seria representação da realidade e assim por diante. Lajolo sintetiza seu texto na seguinte afirmação: “Desconfio, e meus botões concordam, que a literatura continuará a ser o que é para cada um, independente do que outros digam que ela é” (p.16).

Apesar das tentativas dos estudiosos de definir conceitos e noções ligados à literatura, encontrar suas funções, a sua essência etc, é possível considerá-la subjetiva, ela não vai deixar de ser aquilo que ela é para o leitor. Além de não deixar de ser aquilo que é, sua função vai ser diferente em cada leitor. Isso, obviamente, não desmerece todos os estudos, eles são necessários à medida que iluminam nossas leituras, mas é fundamental que haja uma percepção da subjetividade da literatura, de que na relação sujeito *versus* objeto, o objeto é também aquilo que o sujeito o enxerga.

¹ GEDLLE (Grupo de Estudos em Didática de Línguas e Literaturas Estrangeiras). Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/0524323240846821>. Acesso em: agosto de 2016

Outra questão que pode ser colocada seria em relação ao sentido da literatura, na sua função, na pergunta crucial “por que lemos?”, ou mesmo “por que existe uma disciplina de literatura?”. Antônio Cândido, em seu ensaio “A literatura e a formação do homem”, explicita três funções da literatura, dentre elas a função formadora:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. (...). Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (...), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta (CÂNDIDO, 1972, p.84).

Para Cândido, a literatura é uma necessidade do ser humano, desde a criança até o velho, ao que ele dá o nome de função psicológica – a de saciar essa necessidade. Tem também o papel de transformar o leitor, de educar. E, por fim, ela pode representar uma determinada realidade social e humana.

Por todos os motivos citados por Cândido, pode-se perceber que a literatura é primordial ao ser humano, contudo, o que acontece é que muitos não têm acesso a ela e a escola ainda pode ser a principal ponte que leva o aluno à literatura. É escusado dizer que o ser humano tem uma sensibilidade estética, em outras palavras, todos têm o prazer pela arte, seja pela música, cinema ou literatura. Esse prazer estético é um processo – que precisa ser entendido – de fruição no sujeito, e é o próprio sujeito que deve o encontrar, mas considerando que isso pode ser estimulado e favorecido pelo professor.

Outro crítico literário que busca responder a pergunta: literatura para quê? É Compagnon, ele elucida a esse respeito:

(...) A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. (COMPAGNON, 2012, p.60)

Na citação acima, pode-se observar a importância da literatura para o homem, já que o faz entender suas angústias, identificando-se com o personagem, ou mesmo aceitar o outro, que é para ele diferente, pois viveu suas

ânsias pela leitura. Nesse sentido, é perceptível o aspecto humanizador da literatura.

Além de humanizar no sentido de fazer o leitor enxergar o outro, o qual é diferente dele, a literatura humaniza na medida em que faz o leitor adquirir uma percepção maior de si mesmo, o faz enxergar suas mazelas e buscar ser um ser humano melhor. Pode-se afirmar, nesse sentido, também, que a imagem realista da vida que a obra traz, mais do que a imaginação, caminha na via de humanização. Todorov, em seu estudo sobre o ensino de literatura, no livro *A literatura em perigo*, traz uma reflexão sobre a busca do leitor quando decide ler uma obra:

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informação sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. (TODOROV, 2009, p.32-33)

A obra de arte, tendo esse poder de nos fazer compreender melhor a nós mesmos e ao mundo a nossa volta, nos torna obviamente mais sábios, mas, além disso, nos torna seres humanos melhores. No entanto, é importante também perceber que antes da leitura da palavra, aprendemos a ler o mundo ao nosso redor. A curiosidade, a observação é algo inerente a todos desde crianças. Paulo Freire, em seu texto *A importância do ato de ler*, mostra com primor a sua experiência de leitor do mundo antes de aprender a ler a palavra, descrevendo como, em sua infância, lia a natureza que o rodeava usando todos os seus sentidos.

A presente pesquisa baseia sua metodologia nos conceitos de Mikhail Bakhtin sobre diálogo, visto que se buscará por meio do debate estudar o objeto de pesquisa, enxergamos a fala como dialógica e repleta de sentidos. A fala, aqui, é vislumbrada como um discurso dialógico, pois o coenunciador interpreta a fala de seu enunciador reconhecendo-a e a integra ao conjunto de sentidos dos seus próprios enunciados. E, também, é repleta de sentidos, já que no discurso está presente todo o contexto de onde fala o locutor, suas experiências de leitura, suas vivências etc.

Não existe a primeira nem a última palavra e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). (...) Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão relembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). (BAKHTIN, 1979 [2010] p. 410)

É buscando o sentido da fala dos próprios alunos, refletindo sobre seus depoimentos, que se investigará o ensino de literatura, num recorte limitado no presente momento pelo escopo da pesquisa em Iniciação Científica, mas que será base para discussões mais amplas sobre o que é literatura e seu ensino. A pesquisa será feita por meio da interação em sala de aula, mediada pela fala dialógica. Portanto, analisando-se os discursos é que investigaremos novos caminhos.

METODOLOGIA

Nesta etapa do trabalho, apresentar-se-á a metodologia – já brevemente enunciada – que norteou sua parte prática, mostrando cada momento ao qual a pesquisa foi submetida, desde as escolhas dos textos que foram trabalhados em grupo, até o momento da discussão dos dados.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi escolhido fazer uma discussão juntamente com os educandos, em forma de debate, por meio do qual a voz seria cedida a eles, para que juntos refletissem sobre a questão do ensino, ou mesmo da falta dele, de literatura nas escolas públicas de ensino fundamental.

A discussão levantada permite que os envolvidos no processo possam participar de forma reflexiva sobre o ensino. E, por meio da construção de discursos, propor soluções aos problemas levantados por eles mesmos. É um ciclo, que se inicia com os estudantes refletindo sobre a carência de um ensino de literatura, suas consequências e de maneira crítica vislumbrando caminhos e rotas de solução.

Escolheu-se essa metodologia, pois foi concordado que a pesquisa no âmbito de ensino e aprendizagem precisa dar o espaço de fala para o estudante, permitindo que ele reflita e aja sobre o problema, que interaja com outros sujeitos

e com o pesquisador e, por fim, que por meio da palavra pesquisador e estudantes possam chegar a conclusões juntos. Tomou-se como visão da palavra, a de Bakhtin:

[...] a palavra integral não conhece um determinado objeto na sua globalidade. Só pelo fato de eu ter falado dele, a minha relação para com ele deixou de ser indiferente, tornando-se interessada e ativa. Por isso a palavra, além de designar o objeto como algo que se torna presente, através da entonação [...], exprime ainda a minha atitude valorativa em relação ao objeto, positiva ou negativa, e, com isso, o põe em movimento, fazendo dele um elemento da eventualidade viva (BAKHTIN, 1993. p.32-33 apud BRAIT 2011, p. 66-67).

Quando toma a posição do local de fala, o sujeito constrói uma relação com o tema abordado. É necessário, antes de falar, que haja uma reflexão sobre o assunto. Pensando nisso, percebeu-se que ceder a fala aos educandos colaboraria para que eles formassem uma percepção sobre o conceito de literatura, e pensassem sobre os problemas envolvidos no processo de formação de leitores.

Acredita-se também, na autonomia do pensamento dos educandos, e, igualmente, na necessidade de valorizar o conhecimento prévio dos mesmos. Sendo assim, primeiro questionou-se o que eles entendiam por literatura, sua função, por que motivo se lê e etc, mostrando que eles possuem um entendimento sobre o tema.

EXPERIÊNCIA PRÁTICA A DISCUSSÃO

Neste ponto, serão apresentadas as etapas da parte prática que compôs esta pesquisa. Como já mencionado, foi proposto um debate em sala de aula, após ter sido feita uma leitura em grupo. Explanar-se-á, portanto, como esse debate foi encaminhado, bem como a leitura em grupo. Feito isso, os depoimentos coletados, isto é, as falas dos educandos, a relação deles com o texto, sua experiência de leitura, serão discutidos.

A turma escolhida para se fazer o debate foi a do 8º ano do ensino fundamental, da escola Centro de Ensino Educacional Miryam Ervilha, pertencente a Regional do Recanto das Emas. É sabido que o Ensino Fundamental, nas escolas públicas, não tem como componente curricular a

disciplina literatura, por esse motivo, essa turma, composta de 30 alunos, apenas 3 alunos tinham tido uma experiência anterior de leitura em grupo. Os estudantes tinham em média 13 anos, sendo metade do sexo masculino e metade do sexo feminino.

O objetivo da atividade de leitura e debate em grupo foi observar o contato dos educandos com o livro e com o texto, sua visão da leitura e da literatura e dar-lhes voz para que, junto comigo – que conduzi o debate –, pudessem refletir sobre literatura como arte, mas também como disciplina. Esse caminho foi escolhido com base na visão bakhtiniana do discurso já mencionada na metodologia.

Anteriormente, tinham sido escolhidas quatro obras literárias de autores nacionais: *Vidas Secas*, Graciliano Ramos; *Onde estivestes de noite*, livro de contos da Clarice Lispector; *Entre palavras*, livro de ensaios da Lya Luft; *Poesias de amor*, antologia de contos de Drummond de Andrade. Selecionaram-se obras nacionais por levar em conta o meio cultural dos educandos, pensou-se ser interessante que eles conhecessem obras de autores do seu país. Buscou-se, igualmente, textos que conversassem melhor com esse meio. Pode-se notar que foram escolhidos diferentes gêneros literários: contos, crônicas, romance e poema, para apresentar um pouco da diversidade da escrita.

Sentamos em roda e iniciei fazendo uma breve apresentação do projeto e das obras escolhidas e falei um pouco sobre os autores. A primeira etapa foi passar os livros para que eles tivessem um contato inicial com o objeto livro. Esse momento foi muito singular, uma vez que eles demonstraram um desejo muito grande por folhear cada livro, de ler, pelo menos, uma frase de cada um e de ter mais tempo com cada obra. Notei que o livro que mais agradou foi o livro do Drummond, talvez, por se tratar de um livro bastante colorido e com imagens.

Feito isso, se passou para a segunda etapa, que consistiu em ler um fragmento de cada obra. Nesse ponto, eles deveriam relacionar o trecho lido com a obra, ou seja, adivinhar de que livro se tratava tal passagem. Eles se manifestaram de forma bastante interessada na atividade. Lemos o capítulo *Baleia*, de *Vidas Secas*, e eles acertaram imediatamente de que obra se tratava. Ao serem questionados sobre o motivo pelo qual pensavam ser um trecho de

Vidas Secas, responderam que na capa havia a imagem de um cachorro e que baleia morre de fome.

Passamos para o segundo trecho, que foi do conto *Esvaziamento* da Clarice Lispector. Por se tratar de uma escrita bastante poética e com o tema da amizade, eles acharam que o fragmento era do livro de poemas do Drummond. Mas ao observarem o texto físico, não sendo em versos e se tratando de um texto mais longo, perceberam que fazia parte do livro de Clarice Lispector. Como se pode observar, eles relacionaram textos que falam sobre relacionamento pessoal com poesia, e, de forma intuitiva, perceberam ser o conto de uma escrita poética.

O terceiro texto lido foi adivinhado logo na primeira frase, um ensaio da Lya Luft sobre cinema. Justificaram o acerto por causa do título *Entre palavras*. E ficaram entusiasmados por mais leituras desse mesmo livro, por perceberem que havia muitos ensaios com temas diversos.

A última leitura feita foi a de um poema, de quatro versos. O poema escolhido foi *O mundo é grande*. Nesse momento uma participante pediu para fazer a leitura do poema. A leitura os deixou impressionados, causando admiração nos demais devido à profundidade do texto. Abaixo o poema:

O mundo é grande

*O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.*

*O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.*

*O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.*

Como todos os textos já tinham sido lidos, por exclusão, eles já sabiam que era um trecho do livro de poemas. Perguntei a eles de que tipo de texto se tratava aquele e alguns estudantes responderam que se tratava de um poema. A partir desse ponto observamos paralelamente a forma de todos os textos e também suas características.

Um fato importante a ser citado, é que os educandos não conheciam nenhum dos autores. Com a exceção de uma moça que já tinha trabalhado em classe com Graciliano Ramos, os outros estudantes nunca tinham ouvido falar

dos autores dos textos sugeridos. Mesmo sendo uma turma que estuda a língua portuguesa como disciplina há, pelo menos, oito anos, estes estudantes nunca tiveram contato com alguns autores clássicos da literatura brasileira, alguns jamais tinham lido um livro por completo ou mesmo visitado alguma biblioteca.

Após a leitura, o debate foi surgindo de forma natural, primeiro com alguns aspectos do texto lido, como a estrutura do poema, ou o tipo de texto da Lya Luft. A primeira provocação feita, foi sobre o que eles gostavam de ler, se tinham algum livro preferido que gostariam de indicar, abaixo esboçar-se-á (no âmbito do presente artigo não podemos nos deter em uma análise aprofundada) uma análise de alguns trechos das falas deles.

O livro

Como já relatado, o livro que mais os cativou foi o de poesias do Drummond, além de alguns terem se interessado muito pelo livro de ensaios da Lya Luft. Os livros foram passados antes da leitura para que eles pudessem ter um contato prévio, observá-los e folheá-los e, assim, adivinhar os trechos posteriormente. Fato curioso foi que eles expressaram o desejo de ficar com os livros, um estudante afirmou sobre o livro do Drummond: "Esse aqui é bonitinho, dá vontade de ler".

Alguns disseram não gostar de ler, outros disseram gostar de ler gibis e livros de aventura como, *As crônicas de Nárnia* e *Harry Potter*. Outros livros citados foram *Um porto seguro* do Nicholas Sparks e *A culpa é das estrelas* do John Green, por algumas meninas que afirmaram gostar de ler romances. Quando questionados se havia algum livro que eles não gostaram de ler, um estudante disse *A bíblia*, ao passo que os outros concordaram com ele.

"Eu não gostava de ler, mas minha mãe me obriga a ler, antes eu não gostava, mas agora eu acabei gostando"² (14 anos, sexo feminino).

² Os depoimentos foram transcritos exatamente como ditos pelos participantes. Não foi feita nenhuma correção em suas falas.

O que é Literatura?

Uma segunda questão levantada foi sobre o que é literatura para eles. E, segundo eles, literatura é livro e leitura. Apesar de eles nunca terem tido aula de literatura, esperava-se que tivessem uma visão geral do que vem a ser literatura. A proposta não era que eles tivessem uma resposta formada sobre o assunto, mas a primeira coisa que viesse a cabeça deles.

"Literatura é reunir a sala toda pra ler algum livro, cada um traz o seu livro pra mostrar, ver qual é o melhor, eu acho que é isso" (13 anos, sexo feminino).

A afirmação da participante nos remete a explicação de Lajolo sobre o tema. Para a autora, é necessário que haja um intercâmbio social entre leitor e obra/escritor para que a literatura exista. Pode-se observar que a citação vem ao encontro dessa visão, e vai além quando traz a noção de leitura em grupo, comparação de obras, ou mesmo o intercâmbio de obras "cada um traz o seu livro".

"Eu acho que literatura é uma aprendizagem de um livro, assim querer saber sobre o livro, acho que literatura é isso" (13 anos, sexo feminino).

Aqui o participante não diz que literatura é apenas a leitura de um livro, mas a coloca como aprendizagem de fato. Retomemos a citação de Cândido no que diz respeito à literatura: "A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. (...). Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (...), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela". Para o autor, como já foi discutido anteriormente, a literatura tem como uma de suas funções a de educar. É clara a percepção que esse estudante tem da literatura como uma forma de aprendizado. Sabe-se que ela é sim, uma forma de aprendizado, sobre o mundo, sobre a vida e sobre si mesmo.

"Eu acho que literatura é ler, e que todo tipo de livro é literatura" (13 anos, sexo masculino)

"Tudo que contém letras é literatura" (13 anos, sexo masculino).

Para esses estudantes, a literatura está ali ao redor deles, ela não é nada extraordinário ou de outra dimensão. Eles não enxergam a literatura como algo difícil e inacessível, mas "tudo que contém letras". Ao estendermos essa afirmação para a leitura, pode esclarecer para eles que a leitura sim é universal a todos os sentidos humanos.

Função da literatura

A terceira provocação foi para que eles achavam que servia a literatura. As funções citadas foram que ela servia para melhorar a leitura, para aumentar os conhecimentos, para ajudar a aprender, melhorar o modo de falar e conhecer palavras novas.

"Eu acho que lendo um livro você aprende assim como se você tivesse estudando porque você vai estar naquele negócio de ler, aí você vai estar aprendendo, às vezes tem um livro que você nem sabe e você aprende coisas que nós precisamos aprender" (14 anos, sexo masculino).

"A gente tinha que ter aula de literatura porque a base de tudo que você vai fazer, você tem que pelos menos saber ler, até pra fazer uma conta você precisa saber ler" (sexo feminino, 13 anos).

Observa-se que eles relacionaram fortemente a função da literatura com aprendizagem, colocando-a como algo útil porque nos faz aprender coisas necessárias a nós. Como afirma Todorov, a literatura é "um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre a sua vida íntima e pública" (2009, p. 32). Os participantes mostraram, com suas próprias palavras, que percebem sim a literatura como um agente de conhecimento.

Apenas dois participantes comentaram já terem tido a experiência de leitura em grupo e disseram gostar desse tipo de atividade. Após algumas discussões, os próprios alunos me questionaram sobre o que é literatura, visto que, até agora, apenas eles tinham se expressado sobre o tema. Explicar o tema antes e questioná-los, além de mostrar que eles já tinham um conhecimento prévio que poderia ser explorado, fez com que aos poucos eles fossem se interessando pelo tema, e despertou uma curiosidade pelo assunto.

CONCLUSÃO

O objetivo inicial desta pesquisa foi discutir o tema literatura a partir da visão dos estudantes, assim como perceber como se daria a relação deles com o texto. Para a maioria da turma foi a primeira experiência de leitura em grupo, não obstante, eles mostraram conhecimento sobre o assunto, o que gerou um intenso debate.

Pode-se concluir a partir da experiência, que é importante, por parte do professor, ceder o local de fala aos educandos. Essa prática forma pessoas críticas, pessoas que sabem colocar sua opinião diante de um tema e discuti-lo. Eles tinham um conhecimento prévio sobre o tema que foi explorado e, somente depois, é que pude explanar o meu conhecimento de estudante de letras, isso porque eles me questionaram.

Percebeu-se, igualmente, que os próprios estudantes têm consciência do papel da leitura como algo fundamental para se ser de fato um cidadão. Sabe-se que a sociedade exclui aqueles que não têm esse conhecimento, e não estamos falando de ler apenas, mas de ler e interpretar, ler e compreender. Para se chegar a isso a prática da leitura se faz necessária. Cabe ao professor permitir que os educandos tenham acesso à arte, à literatura. Observou-se que a partir da experiência com os livros e a leitura em grupo, foi despertado o interesse neles pela literatura e o desejo de ler aqueles livros em específico.

Foi dito no início que se acredita ser o prazer estético inerente ao ser humano, corroborando essa afirmação todos apresentaram interesse em ficar com os livros que levei. Como só eram quatro obras, elas foram sorteadas entre os participantes, os que ganharam afirmaram que iriam compartilhar os livros com o restante da turma depois de lê-los.

Muito mais precisa ser feito, é crucial que pesquisas no âmbito de ensino-aprendizagem de literatura continuem a ser desenvolvidas. Para que nós, professores, possamos cada vez mais alcançar o objetivo de formar leitores, pessoas que realmente apreciem a literatura. Pois, como já foi citado, a literatura humaniza as pessoas. Ao professor, seja de português, gramática, literatura ou texto, é importante ter em mente que as disciplinas estão interligadas e que seu ensino deve sempre partir de um con(texto).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de estética: A teoria do romance**. Sexta edição. São Paulo: Hucitec, 2010.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, 1972.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Tradução: Laura Taddei Brandini.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51^a edição. São Paulo: Cortez, 2011.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. São Paulo: DIFEL, 2009.

